

NOVO EM FOLHA

FOLHA DE S.PAULO

ESPECIAL 1 ★ SEXTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 2006 ★

Voto para Legislativo é tucano

Coligação do PSDB obteve mais votos para deputado estadual em 75% das 645 cidades do Estado Págs. 2 e 3

Bruno Miranda/Folha Imagem



NOSSOS ÚLTIMOS KAMIKAZES

Voluntários para morrer na Segunda Guerra, eles tiveram sua missão frustrada pelo fim do conflito e se reagruparam na capital paulista, onde refizeram as vidas Págs. 4 e 5

Os "ex-kamikazes" Tokio Wakita, com bandeira em que seus colegas escreveram palavras heróicas, e Kiyoshi Tokudome, com faixa em que estão gravados os ideogramas kami e kaze, que ele guarda há mais de 60 anos

SUJEIRA ACHAR LATA DE LIXO NA CIDADE PODE SER UM RALLY

A Folha correu as principais ruas comerciais da cidade e mostra que má distribuição de lixeiras é um dos principais problemas Pág. 7



Ricardo Nogueira/Folha Imagem

MORADIA BOLSA CESSA E CRIA NOVOS NÔMADES

Com acesso limitado a programas de habitação, eles perambulam de casa em casa e chegam a trocar 10 vezes de endereço Págs. 8 e 9

NOVINHO EM FOLHA VEJA COMO LIDAR COM APELIDOS QUE IRRITAM

Pág. 10



FALCÕES URBANOS REVIVEM IDADE ANTIGA EM SP

Falcão de coleira, adestrado para falcoaria, na mão de seu criador na zona sul de São Paulo

Aves de rapina viram animais de estimação na maior cidade do continente e são treinadas para simular rituais de caça como os da Antiguidade

Pág. 6



João Wainer/Folha Imagem

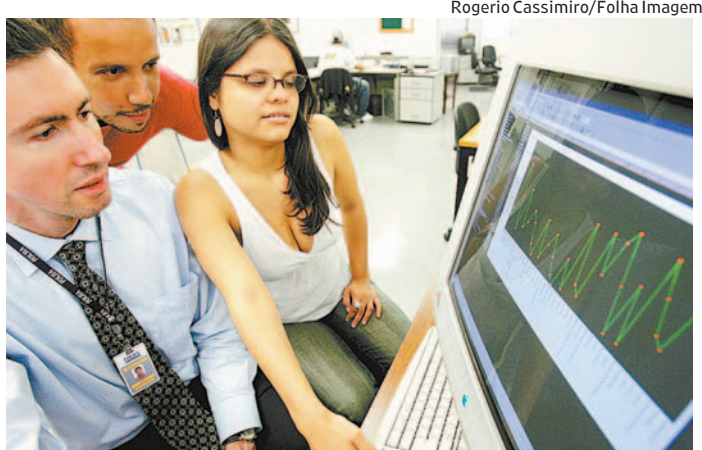
EXPEDIENTE

O **Novo em Folha** é produto da 42ª turma do Programa de Treinamento em Jornalismo Diário da **Folha**. Os participantes discutem pautas, fazem reportagens, sugerem fotos, mapas e gráficos e cuidam do acabamento. A circulação é interna e há uma versão expandida na internet (www.folha.com.br/063402). A 42ª turma de treinamento foi patrocinada pela Philip Morris Brasil.

- » EDITORA DE TREINAMENTO
Ana Estela de Sousa Pinto
- » EDITORA DO SITE DE TREINAMENTO
Juliana Laurino
- » EDITORA DO NOVO EM FOLHA
Ana Estela de Sousa Pinto
- » APOIO TÉCNICO
Heide Vieira e Paulo Haddad
- » PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E INFOGRAFIA
Kleber Bonjoan, Viviane Jorge, Rodrigo Cunha, Thea Severino, Rubens Paiva, Rafaela Nygaard

» REPORTAGEM

Equipe da 42ª turma do Programa de Treinamento em Jornalismo Diário



Rogério Cassimiro/Folha Imagem

Paulo Haddad (esq.) auxilia Krishna Monteiro e Carolina Rangel a montar banco de dados sobre última eleição em SP

Marcelo Ximenez/Folha Imagem



Daniela Arrais e Felipe Bächtold percorrem rua de São Paulo para contar e avaliar número de lixeiras da metrópole

Andre Porto/Folha Imagem



Bárbara Castro e Estevão Bertoni entrevistam, para matéria sobre sem-teto, mulher que terá auxílio cortado

Bruno Miranda/Folha Imagem



Angela Pinho acompanha ex-kamikaze Kiyoshi Tokudome durante sessão de fotos no topo do prédio da Folha

Bruno Miranda/Folha Imagem



Tokio Wakita mostra a Renata Summa bandeira japonesa da Segunda Guerra Mundial, que guarda há 62 anos

Fotos Juliana Laurino/Folha Imagem



Viviane Jorge e Salvatore Carrozzo analisam matéria sobre apelidos; Paulo de Araujo (dir.) segura ave de rapina

PSDB concentrou votos para o Legislativo em SP

Coligação tucana foi mais votada para deputado em 75% das cidades; PT venceu em 5%

Para analistas, distribuição do voto no Estado pode estar relacionada com a votação de Serra e com os 12 anos de governo estadual tucano

CAROLINA RANGEL KRISHNA MONTEIRO
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Embora a coligação PSDB-PFL tenha eleito 37% dos deputados estaduais paulistas contra 21% de seus principais adversários —o PT-PC do B—, em número de votos para o Legislativo a supremacia dos tucanos e pefelistas foi muito superior: os dois partidos obtiveram o maior número de votos para deputado estadual em 75% das cidades do Estado, dentre elas a capital.

Em contrapartida, a coligação PT-C do B venceu em apenas 5% dos municípios, mas conquistou o primeiro lugar em grandes cidades, como Guarulhos, Campinas, São Bernardo do Campo e Santo André. Por isso, terá em 2007 a segunda maior bancada da Assembleia, com 20 cadeiras.

Esses dados fazem parte de levantamento feito pela **Folha** com base na votação de todos os candidatos a deputado estadual nos 645 municípios de São Paulo, a partir de informações obtidas no TRE (Tribunal Regional Eleitoral) de SP.

O desempenho eleitoral da coligação PSDB-PFL no interior do Estado não surpreendeu analistas políticos consultados pela **Folha**.

Segundo Rachel Meneguello, cientista política da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), a partir de meados dos anos 90, quando começou a fortalecer suas bases no interior, o PSDB assumiu o papel de herdeiro natural de redutos históricos do PMDB —que teve mais votos para o Legislativo em apenas seis municípios.

Meneguello diz também que o PT possui uma trajetória estadual distinta. As suas bases se concentrariam nos maiores centros urbanos, nos quais o setor industrial e de serviços são mais desenvolvidos.

A votação expressiva de tucanos e pefelistas no interior de São Paulo também é natural para Celso Roma, cientista político da USP com trabalhos sobre a história do PSDB. “Se você pegar o número de cadeiras que o PSDB tinha em 2002, já vai comprovar que aqui é o berço tucano. Ao longo do tempo, o partido aumentou o seu domínio no Estado, até em cida-

des em que eram redutos petistas, e o PT encolheu.”

Segundo Roma, uma das razões para o fortalecimento tucano estaria ligada aos 12 anos em que o partido teve o governo estadual em suas mãos. Os quatro anos em que José Serra permaneceu à frente do Estado deverão acentuar essa tendência, aponta o analista.

Correlação com Serra

Cláudio Couto, cientista político da PUC-SP, formula três hipóteses para o bom desempenho da coligação PSDB-PFL: 1) a votação expressiva de José Serra para o governo; 2) o fortalecimento dos candidatos locais ao longo dos 12 anos de governo tucano e 3) o declínio do PT no Sudeste e no Sul do país.

Couto afirma que uma possível correlação com o voto em Serra para governador e Alckmin para presidente pode ter feito com que parte do eleitorado votasse em deputados do mesmo partido dos dois.

Um exemplo dessa tendência seria Araraquara: em 2006, Alckmin foi o mais votado para presidente, e a coligação PSDB-PFL obteve 62% dos votos válidos para deputado estadual, apesar de o atual prefeito, eleito em 2004, ser o petista Edson Antônio Edinho da Silva.

Couto, entretanto, pondera que um possível crescimento do PSDB e do PFL em São Paulo só poderia ser constatado após comparações com dados das eleições de 2002.

Já o pesquisador do Iuperj

(Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) Jairo Nicolau diz que não há dados consistentes para definir como o eleitor se comporta em uma eleição. “Minha intuição, de acordo com os estudos que já realizei, leva a crer que o eleitor o faça de modo independente.”

PVePMDB

O levantamento da votação para o Legislativo paulista ainda apresenta uma novidade —o aumento da votação do PV, que teve mais votos em 23 municípios e viu sua bancada crescer de 5 para 8 deputados.

Também comprova uma tendência da última eleição —o enfraquecimento do PMDB, cuja liderança em municípios é apenas um quarto da dos verdes.

Para Cláudio Couto, a votação expressiva do PV no Estado e no país poderia estar relacionada à figura nacional de Fernando Gabeira e ao descontentamento de eleitores que tradicionalmente votavam no PT, mas não migraram para o PSDB ou para o PSol.

Na avaliação de Jairo Nicolau, outro fator é a adesão de lideranças locais e regionais ao PV —segundo ele, um “processo natural de todo partido que está na moda, em ascensão”.

Sobre o enfraquecimento do PMDB, Celso Roma afirma que poderia estar relacionado à inexistência de um candidato majoritário forte. O desempenho também teria sido prejudicado pelo fato de o PMDB concorrer pela mesma fatia de eleitores da coligação PSDB-PFL.

Marcelo Barbieri, presidente do partido em São Paulo, tem análise semelhante: atribui o fraco desempenho ao fato de o PMDB não lançar há três eleições candidato a Presidência. Outro problema seria a falta de um projeto nacional.

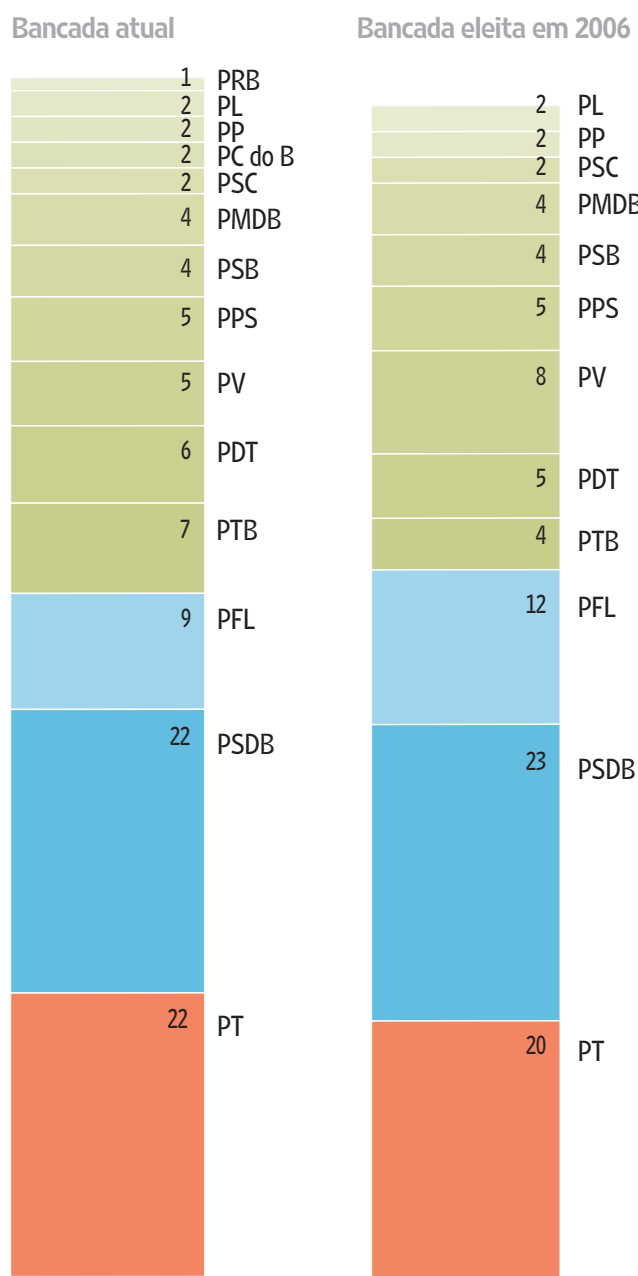
O presidente do PSDB de SP, Sidney Beraldo, acredita que a coligação venceu em mais municípios porque investiram em mais candidatos e naqueles que defendem temas específicos, como educação e segurança.

Para o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab (PFL), o resultado mostra que a coligação deu certo. O partido, no entanto, é força minoritária na parceria: considerando somente a votação dos 94 deputados eleitos, o PSDB venceu em 366 cidades, e o PFL, em 73.

O PT não quis se pronunciar sobre os dados.

O QUE MUDA EM 2007

Dos 44 novos deputados, 10 são do PSDB, oito do PFL, sete do PV e cinco do PT*

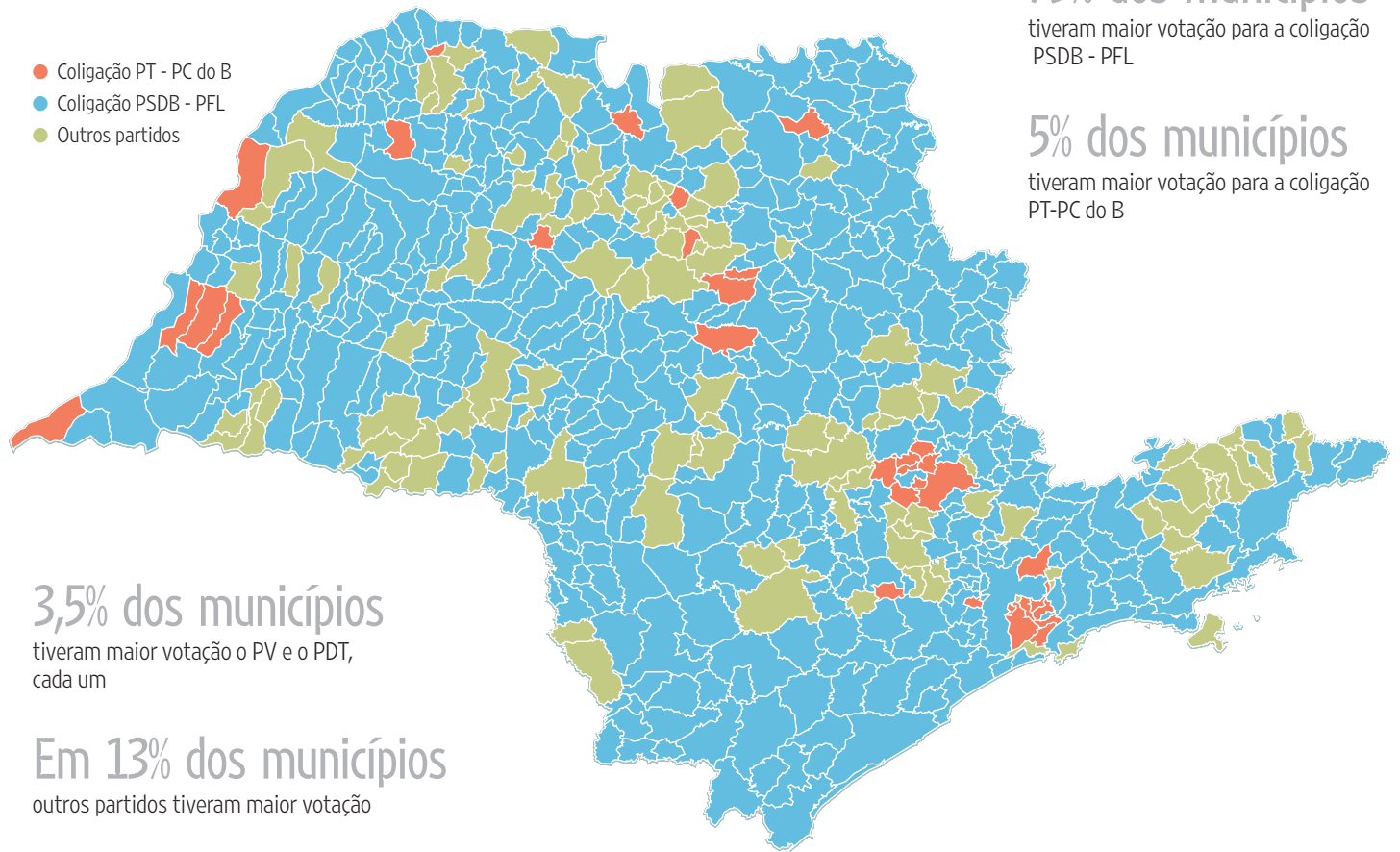


Colaborou PAULOHADDAD

VOTAÇÃO PARA DEPUTADO ESTADUAL

Partidos que tiveram maior votação nos municípios do Estado de São Paulo em 2006

- Coligação PT - PC do B
- Coligação PSDB - PFL
- Outros partidos



75% dos municípios tiveram maior votação para a coligação PSDB - PFL

5% dos municípios tiveram maior votação para a coligação PT-PC do B

3,5% dos municípios tiveram maior votação o PV e o PDT, cada um

Em 13% dos municípios outros partidos tiveram maior votação

Fonte: TRE-São Paulo



PHILIP MORRIS
BRASIL

ASSEMBLÉIA 2007

Perfil de seis novos deputados estaduais

Maior patrimônio



Roberto Massafera (PSDB)**
 >> O deputado possui o maior patrimônio, R\$ 6.470.735,69, declarado ao TSE. Engenheiro e empresário, Massafera, 62, já foi prefeito de Araraquara entre 1992 e 1996. Tentou novamente a prefeitura da cidade em 2000 e perdeu

Menor patrimônio




João Barbosa (PFL)
 >> Pastor evangélico, o deputado estadual declarou possuir apenas uma conta corrente no valor de R\$ 2.361,48. Barbosa tem base eleitoral em Fernandópolis e foi eleito com 77.650 votos. Em 2007, terá seu primeiro mandato na Assembléia

Mais velho



Vitor Sapienza (PPS)
 >> Ex-presidente da Assembléia (1993-1995), o deputado, 72, teve o mandato cassado em maio do ano passado, acusado de compra de votos nas eleições de 2002. Sapienza foi eleito deputado estadual pela primeira vez em 1986

Mais jovem



Bruno Covas (PSDB)
 >> Neto do governador Mário Covas, o mais novo deputado, com 26 anos, já disputou como vice a Prefeitura de Santos em 2004. Porém recebeu apenas 13% dos votos válidos. Em 2007, exercerá seu primeiro cargo eletivo

Mais votada



Darcy Vera (PFL)
 >> Vereadora de Ribeirão Preto, Darcy Vera foi a mais votada entre os novos deputados, com 140.702 votos. Tem uma ONG que ajuda mulheres vítimas de agressão, faz casamentos comunitários e possui envolvimento em causas feministas

Menos votado



Lélis Trajano (PSC)**
 >> Diretor de uma rádio e pastor evangélico da Igreja Comunhão Plena, o deputado de 27 anos irá exercer o seu primeiro mandato político. Foi eleito com 29.515 votos, cerca de 21% da deputada mais votada entre os novos

* não enviaram fotos Fontes: TSE, TRE-SP e campanha dos candidatos

NOVA ASSEMBLÉIA

Confira os 94 deputados estaduais eleitos

PSDB (N): novo

Pedro Tobias; Vaz De Lima; Analice Fernandes; Célia Leão; Orlando Morando; Maria Lúcia Amary; Mauro Bragato; Celino Cardoso; Roque Barbieri; Rodolfo Costa E Silva; João Caraméz; Roberto Engler; José Augusto (N); Paulo Alexandre Barbosa (N); Beraldo; Bruno Covas (N); Barros Munhoz (N); Celso Giglio (N); Samuel Moreira (N); Antônio Carlos (N); Marcos Zerbini (N); Ricardo Montoro (N); Roberto Massafera (N)

PT

Adriano Diogo; Ana Do Carmo; Donisete Braga; Roberto Felício; Maria Lúcia Prandi; Vanderlei Siraque; Fausto Figueira; Simão Pedro; Mário Reali; Carlinhos Almeida; Sebastião Almeida; Hamilton Pereira; Vicente Cândido; Antônio Mentor; Rui Falcão (N); Zico; Marcos Martins (N); Ana Perugini (N); Cido Sérgio (N); José Cândido (N)

PFL

Aldo Demarchi; Gilson De Souza; Rodrigo Garcia; João Mellão Neto (N); Edmir Chedid; Gil Arantes (N); Darcy Vera (N); André Soares (N); Estevam Galvão (N); João Barbosa (N); Bispo Zé Bruno (N); Milton Leite (N)

PV

Padre Afonso Lobato; Rita Passos (N); Vanessa Damo (N); Major Olímpio (N); Edson Giriboni (N); Reinaldo Alzug (N); Chico Sardelli (N); Feliciano (N)

PPS

Roberto Moraes; Dr. Gondim; Vitor Sapienza (N); Alex Manente (N); David Zaia (N)

PDT

Rogério Nogueira; José Bittencourt; Geraldo Vinholi; Rafael Silva; Haifa Madi (N)

PTB

Coronel Edson Ferrarini; Waldir Agnello; Conte Lopes; Campos Machado

PMDB

Baleia; Caruso; Uebe Rezek (N); Ed Thomas (N)

PSB

Valdomiro Lopes; Vinícius Camarínha; Jonas Donizette; Luciano Batista (N)

PSOL

Carlos Giannazi (N); Raul Marcelo (N)

PL

Gilmaci Santos (N); Otoniel Lima (N)

PSC

Said Mourad; Lélis Trajano (N)

PP

Russomanno (N); Curiati (N)

PRONA

Patrícia (N)

* Os outros 14 estão distribuídos entre o PPS, PSOL, PMDB, PL, PP, Prona, PDT, PSC e PSB

PT tenta armar coalização oposicionista contra Serra

PV, partido com a quarta maior bancada eleita, sinaliza aliança com PSDB e PFL

Oposição tentará formar coalizão pluripartidária; líder do PT diz que o desafio é não deixar o Legislativo ser um braço do Executivo

CAROLINA RANGEL
KRISHNA MONTEIRO
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Para evitar que o governador eleito de São Paulo, José Serra, consiga construir uma maioria folgada na Assembléia Legislativa, o PT paulista irá adotar no Estado a mesma estratégia seguida pelo governo Lula no Congresso: a formação de uma aliança pluripartidária.

A estratégia tenta dificultar a vida de Serra, que, segundo analistas políticos ouvidos pela **Folha**, terá facilidade para aprovar projetos na Assembléia: tem 35 deputados e pode conquistar o apoio dos 8 integrantes do Partido Verde (PV), chegando a 45,7% da Casa.

Domingos Fernandes, presidente do PV, disse ter conversado com o governador eleito, José Serra, e afirmou que o partido deverá apoiar o governo na Assembléia.

No entanto, o partido ainda não anunciou formalmente o apoio. “Em tese, o PV participará do governo Serra.”

Mas para Ênio Tatto, líder do PT na Assembléia, o apoio de quase metade dos deputados a Serra ainda não é definitivo.

Tatto afirmou que o PT paulista irá conversar com os outros partidos para formar uma coalizão pluripartidária que atuaria da seguinte forma: em vez de garantir a governabilidade do Executivo, viabilizaria a oposição.

Dessa forma, o PT estadual pretende impedir que a Assembléia seja apenas um braço do governo de José Serra, como aconteceu nos seis anos do go-

verno de Geraldo Alckmin. “O PSDB tinha a maioria, o governador enviava projetos com urgência, que eram aprovados”, afirmou Tatto, que não conseguiu se reeleger.

Para o líder do PT, a situação somente se reverte nos últimos dois anos da atual legislatura, com a eleição de Rodrigo Garcia (PFL) para a Presidência da Assembléia.

Segundo Tatto, a estratégia de coalizão partidária deverá ser repetida em todos os Estados em que os petistas não foram eleitos para governador.

Rachel Meneguello, cientista política da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), afirma que Serra, assim como Alckmin, por já possuir 35 cadeiras entre PSDB e PFL, deverá ter uma situação confortável em relação ao Legislativo.

“Com o apoio de pequenos partidos da direita e do centro, [Serra] contará com a maioria para aprovações de projetos e no impedimento de instalações de CPIs (comissões parlamentares de inquérito) pela oposição”, afirmou Meneguello.

Nova composição

A renovação da Assembléia é derivada das mudanças ocorridas dentro dos partidos, dizem os analistas. Políticos jovens, com fortes bases no interior e desvinculados da imagem tradicional do partido se destacaram nestas eleições.

PV TERÁ A QUARTA MAIOR BANCADA DA ASSEMBLÉIA

O partido do deputado federal Fernando Gabeira foi a surpresa para os analistas políticos. O PV conseguiu três cadeiras a mais em relação a 2002. E, dos 8 deputados eleitos, 7 são estreantes na Assembléia.

Petistas não lideram nas cidades que governam

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

A coligação PT-PC do B não conseguiu obter o maior número de votos para deputado estadual em 75% das cidades em que elegeu prefeito em 2004.

O dado é resultado do cruzamento da votação das últimas eleições para prefeito e da votação para a Assembléia Legislativa deste ano.

Para Celso Roma, cientista político da USP, parece que há uma tendência do eleitor coordenar seu voto de acordo com o candidato majoritário. Nesse caso, o voto de deputado estadual com o governador.

Em 2004, PSDB e PFL elegeram os prefeitos de 197 cidades. Em 2006, os partidos obtiveram o maior número de votos para deputado estadual em 170 desses municípios. Em termos percentuais, portanto, os tuca-

nos e pefelistas tiveram o melhor desempenho para deputado estadual em 86,3% das cidades em que conquistaram o cargo de prefeito.

Já a coligação PT-PC do B apresentou uma tendência distinta. Em 2004, por exemplo, os petistas conquistaram 36 prefeituras paulistas. Neste ano, a coligação foi a mais bem votada para deputado estadual em nove cidades. Ou seja, teve 25% de aproveitamento.

Entretanto, se considerarmos a característica do partido de concentrar votos em grandes centros urbanos, segundo Rachel Meneguello, os dados mudam para o PT. Das 12 cidades em que obteve mais de 10 mil votos para prefeito em 2004, o partido alcançou maior votação para deputado estadual em seis delas. Ou seja, 50% — um resultado melhor do que

Alinhamento na votação

Celso Roma afirma que “há uma congruência do desempe-

nos deputados estaduais, que tomarão posse no dia 15 de março do ano que vem. Dos 43 deputados que deixarão a Assembléia, 29 tentaram reeleger-se e perderam (leia texto ao lado). Ao todo, 94 deputados foram eleitos.

Interiorização

O presidente do PSDB de São Paulo, Sidney Beraldo, afirmou que uma das razões para o sucesso eleitoral do partido foi a priorização do voto proporcional e o investimento em candidaturas do interior.

Beraldo destacou o foco em lideranças regionais e a escolha de nomes competitivos para concorrer à Assembléia.

Domingos Fernandes, do PV, apontou a mesma estratégia de enraizamento fora dos grandes centros urbanos como motivo para a expansão de sua bancada. Dos oito deputados eleitos pela sigla, apenas um, Major Olímpio, vem da capital.

Já o PT adotou a estratégia de apostar em nomes fortes e conhecidos, segundo Ênio Tatto. Os cinco novos deputados eleitos pelo partido já foram vereadores e são militantes históricos. Um exemplo seria Rui Falcão, candidato a deputado com maior votação em São Paulo, que já se sentou nos bandos da Assembléia em legislaturas anteriores.

O partido que permaneceu com o mesmo número de cadeiras, quatro, foi o PMDB. Dentre os eleitos, dois foram reeleitos.

Para Celso Roma, o partido está mingando, mas é importante a sua sobrevivência no Estado e no país por ser de centro. “Eles são os fiéis da balança, pois são de centro. O PMDB é fundamental num sistema multipartidário como o brasileiro para construir coalizões”, afirma o analista.

saiba mais

29 deputados perdem a reeleição

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Dos 43 deputados que deixam a Assembléia em março de 2007, 29 tentaram a reeleição e perderam. Segundo Celso Roma, esse número seria mais um indicativo de renovação dentro dos partidos e uma mudança do perfil dos candidatos eleitos para o Legislativo.

Entre os que perderam, estão personagens antigos da política como Afânasio Jazadji (PFL). O deputado se elegeu pela primeira vez para a Assembléia em 1986 e, em 2002, foi o mais votado da coligação PSDB-PFL, com 157.602 votos.

Afanásio apresentou propostas polêmicas durante os seus 20 anos de deputado estadual, como a revogação da lei contra discriminação de orientação sexual em 2003.

O político também defende a pena de morte no Brasil e já foi acusado pela Igreja Universal do Reino de Deus de calúnia, injúria e difamação.

Ouro deputado estadual que não conseguiu se reeleger foi Alberto “Turco Loco” Hiar (PSDB), conhecido empresário no ramo de roupas para jovens. O atual vice-líder do partido na Assembléia está exercendo o segundo mandato.

Do PT, o líder na Assembléia, Ênio Tatto, também não conseguiu se reeleger. Romeu Tuma Jr. (PMDB), filho do senador Romeu Tuma, também perdeu em 2006. Durante os quatro anos de mandato, o deputado aprovou 19% dos projetos propostos.

Entre os que deixam a Assembléia, 13 concorreram a deputado federal, ocorrendo uma migração de cargos dentro partido. Apenas a Doutora Maria Almeida não se candidatou a nenhum cargo.

Do interior

Dos 44 novos deputados eleitos, 59% vêm do interior, dado comum segundo analistas políticos consultados pela **Folha**.

Seis mulheres foram eleitas, entre elas a mais votada dos novos, Darcy Vera do PFL (leia quadro nesta página).

Os jovens também ocuparam maior espaço na Assembléia para 2007 — sete dos novos deputados eleitos têm menos de 30 anos.

(CREKM)

» NA INTERNET

Veja relação das cidades em que cada partido ganhou e a votação dos 94 deputados eleitos

www.folha.com.br/
063408

COMO OS KAMIKAZES SE PREPARAVAM

Aos 15, o alistamento era aceito; pilotar, só aos 18 anos



O alistamento
O alistamento era voluntário. 20 mil jovens se apresentaram às divisões kamikazes

O uniforme
Havia dois tipos de uniformes: um de inverno (azul) e outro de verão (branco)

A preparação
No treinamento, havia aulas de natação, remo, aviação e matérias ensinadas no colegial. Uma rígida disciplina militar era exigida dos kamikazes

Punições
Era comum superiores aplicarem castigos físicos em alunos, utilizando até tacos de beisebol

A partida
Os kamikazes tomavam saquê frio ao se despedir da família

Ilustração: Rodrigo Cunha

Eles não conseguiram morrer; hoje vivem em SP

Ex-kamikazes que vieram ao Brasil formaram grupo para relembrar a guerra

Eles foram retratados em uma reportagem da revista "Realidade" em 1968; 38 anos depois, a Folha apurou o que aconteceu com eles

ANGELA PINHO
RENATA SUMMA
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Quando soube que não ia completar sua missão, Kanroku Yoshida voltou a ter fome. Yasofumi Inoue foi para casa e teve saudades do mar. Tokio Wakita chorou de tristeza e rai-va. Kiyoshi Tokudome passou quatro dias recolhendo as vítimas da bomba de Nagasaki.

Eles eram kamikazes. Cada um, à sua maneira, acabava de descobrir que não poderia mais se jogar contra um navio norte-americano para livrar o Japão da derrota iminente na Segunda Guerra Mundial. Depois de duas bombas atômicas, o imperador Hirohito havia anunciado a rendição do Japão.

Apesar do passado em comum, os quatro só se conheceram nos anos 60, no Brasil. Fazem parte de um grupo de 16 kamikazes que costumava se encontrar em São Paulo para comer, beber, cantar hinos militares, hastear a bandeira nacional e lembrar a guerra. Com o tempo, os encontros terminaram. Não se sabe quando foi o último. Cada um se lembra de uma data diferente.

Da guerra, hoje, nem todos gostam de lembrar. Para Inoue, o mais sério, "esse assunto já chega". Yoshida, que trabalha no seu sítio em Jacaré, também não quer mexer no passado. Tokudome só fala se tiver um companheiro daquele tempo ao lado. E Wakita, de início resistente, certo dia ligou para a **Folha**: "Quero colaborar".

Sonhos de um jovem

Wakita é risonho. Solta uma gargalhada até quando lembra dos duros treinamentos para ser kamikaze: "Eu tinha 15 anos. À noite, chorava [risos]. Saudades de mãe. 'Mamãe!', eu gritava [gargalhadas]".

Suas mãos ganhavam bolhas e sangravam. Apanhava com tacos de beisebol —"doía tanto que parecia sair fogo dos olhos". Ainda assim, ele se lembra do período com nostalgia. Dos treinamentos ou da juventude? "Dos dois."

"Naquela época, entrar na Marinha ou no Exército significava, eventualmente, morrer. Por isso, mamãe me pediu para esperar até os 20 anos [quando o alistamento era obrigatório]. Mas eu falei: 'Não! Se esperar, guerra termina'. E eu fui."

Wakita tomou o saquê frio de despedida e partiu. Levava uma espada e, amarrada ao corpo, a bandeira japonesa com palavras heróicas escritas por colegas e professores do ginásio. No trajeto até a estação, os moradores da cidade o acompanharam cantando hinos nacionais.



Bruno Miranda/Folha Imagem

Acima, Wakita e Tokudome com bandeira e faixa da época. Ao lado, foto do grupo em 1968. Em pé: Inoue; Yoshioka; Harada; Matsuzake; não identificado; Yoshida. Sentados: não identificado; Matsukuma Takeo; João Sussumu Hirata, deputado amigo do grupo; Makita.



» NA INTERNET
Veja íntegra de entrevista com dois ex-kamikazes, trechos de crônicas de um deles e vídeos de ataques www.folha.com.br/063405

Fotos: Reprodução

Quando veio ao Brasil, Wakita trouxe a bandeira. Repetindo o gesto de 62 anos atrás, ele a amarra ao corpo, orgulhoso.

O que ocorreu após o alistamento ele narra em crônicas de jornais da colônia japonesa. Foi por meio de uma delas que, em 1965, o grupo de 16 kamikazes se formou em São Paulo.

Após ler "Sonhos de um Jovem", Minoru Makita, Osamu Harada e Ryuji Yoshioka o procuraram e colocaram um anúncio no jornal para tentar reunir outros kamikazes. Deu certo. Por anos, eles se reuniram, principalmente, no bar de Harada, o Yosakoi, na rua dos Estudantes, na Liberdade.

Wakita diz que o bar fechou na década de 70. Mas eles continuaram se encontrando "onde tinha saquê". "Como eu não tomo álcool, fico só olhando. Tomo coca-cola." E Tokudome? Wakita ri: "Pinga!" O amigo concorda. "Saquê já é outra coisa, né? Para mim, é ou pinga ou uísque. Só bebida forte."

Salvar a pátria

Tokudome mostra orgulhoso a faixa usada pelos pilotos suicidas em que se lê, em ideogramas japoneses, a palavra 'kamikaze'. Não chegou a usá-la.

Ele se alistou aos 15 anos. "Tinha que salvar a pátria, né?" Treinava em Nagasaki. Quando a bomba atômica foi jogada sobre a cidade, estava a 20 km do epicentro da explosão. Foi recolher corpos e destroços. "Salvação é outra coisa. Nós só fazíamos limpeza. Machucado, morto, vamos juntando tudo."

Tokudome não teve seqüelas da bomba. Tem direito a exames médicos anuais no Japão, mas só foi lá uma vez. "Não tinha nada, aí larguei, né? Até hoje estou desse jeito."

Combate interno

Quando Minoru Makita saiu de casa para se tornar um kamikaze, sua mãe não quis se despedir dele. "Ela estava na cozinha, ele falou: 'Vou embora, mãe'. E ele não olhou para trás, ela também não."

Quem conta é Carmen Ribeiro Makita, que o conheceu no Amazonas em 1953, recém-chegado do Japão. No ano seguinte, ao partir para o interior de São Paulo, ele lhe deixou um leque com a frase: "Eu voltarei para você um dia".

Apesar do apelido de "papa-gaio falador", ele ficou cinco anos sem dar um sinal de vida. Ela já havia perdido a esperança de que a promessa se cumprisse. "Eu estava deslumbrada. Nunca tinha visto um japonês." Mas, um dia, ele voltou e a levou para São Paulo.

Na capital paulista, Makita ganhou influências ocidentais: virou cristão e fã de Frank Sinatra. Carmen se adaptou à cultura do marido. Mesmo assim, assistava-se quando ele batia na mesa e dizia que, se "a democracia ou o cristianismo" estivessem em risco, diria a George, o primogênito: "Morra!"

O filho, hoje arquiteto, diz ter crescido pensando naquela frase. "Meu pai me ensinou a nunca descartar os ideais, assim co-

mo o ensinaram." Ele conta que, quando o pai voltou da guerra, os avós acharam que ele tinha desertado. Makita disse: "Eu cumpri minha missão". Só então os avós o receberam: "Então pode entrar".

Nos anos 80, Makita abriu uma academia de caratê. "A idéia era combater a violência dentro de si", diz George.

Em 2001, Makita morreu. Deixou saudades em Carmen. "Ele era a minha voz, eu me comunicava através dele."

Dispersão

A morte de companheiros e a idade provocaram a dispersão do grupo. Sabe-se que, nos anos 70, Osamu Harada fechou seu bar e, alguns anos depois, voltou para o Japão.

Shohei Matsuzake, segundo seu filho, participou das reuniões até morrer, em 1997.

Ryuji Yoshioka também morreu. Sua filha não quer falar do passado. "Não acho que ele gostaria que mexessem nisso."

Dos outros, nada se soube.

追憶



[Dragão Imperial em japonês]

Idogramas pintados por Dragão Imperial, pseudônimo de Tokio Wakita

[TSUI OKU, MEMÓRIA EM JAPONÊS]

|| Não há pior desgraça que um filho morrer antes dos pais. Isso foge à ordem natural das coisas. No entanto, vou morrer pela pátria. Agradeço a vocês por estes 18 anos felizes

KANROKU YOSHIDA
em carta de despedida para a família

Se a guerra se prolongasse por mais um ano, aí eu já tinha ido

TOKIO WAKITA
contando que escapou da morte por pouco

Eu tinha 15 anos. À noite, chorava [risos]. Saudades de mãe. 'Mamãe!', eu gritava [gargalhadas]

WAKITA
sobre os treinamentos dos kamikazes

Japão estava perdendo, né? Todo mundo, jovem, tinha espírito naquele tempo. Agora mudou. Jovem de hoje não tem esse tipo de espírito, não

WAKITA
explicando por que se alistou para ser kamikaze

Nós hasteávamos esta bandeira, cantávamos o hino nacional (do Japão), fazíamos bagunça, né?

WAKITA
sobre as reuniões com ex-kamikazes

Eu voltarei para você um dia

MINORU MAKITA
em bilhete deixado para sua futura mulher, Carmen Ribeiro

Gente ruim não morre

MAKITA
às gargalhadas, para a revista "Realidade" em 1968

Se um dia for preciso lutar pelo Brasil, por uma causa que eu e ele achemos justa, quero que meu filho George seja um kamikaze na defesa da democracia e do cristianismo. Eu serei o primeiro a lhe dizer: morra!

MAKITA
para a revista "Realidade" em 1968

Makita já faz tempo que faleceu

KIYOSHI TOKUDOME
questionado sobre o que achava desse pensamento de Makita

Tem uma fotografia de um monumento com 3.000 nomes de kamikazes que morreram. Se a bomba atômica não tivesse caído, o nome do meu pai estaria lá

YUSSUKE ASHIHARA
filho de um kamikaze que não morreu



ENTENDA OS ATAQUES KAMIKAZES

Entre 2.000 e 4.000 kamikazes morreram em ataques suicidas

O primeiro ataque
A idéia de um ataque suicida como estratégia militar é atribuída ao almirante Takijiro Onishi. O plano foi anunciado em 1944, seis dias antes do primeiro ataque kamikaze

Armamento
O modelo de avião mais utilizado pelos kamikazes era o caça Zero

No ar ou no mar
Os ataques podiam ser feitos por meio de aviões ou barcos, que carregavam 250 kg de explosivos e partiam apenas com combustível de ida

Alvos
Os ataques afundaram 34 navios norte-americanos e atingiram centenas de outros

Ilustração: Rodrigo Cunha



Yussuke e Saeko, filho e mulher do ex-kamikaze Manabu Ashihara; no detalhe, foto de Ashihara em seu sítio em 2006

Bomba atômica salvou a vida de Manabu Ashihara

'Ex-kamikaze' de Nagasaki escapou da morte 5 vezes

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

A bomba atômica lançada sobre Nagasaki, em 9 de agosto de 1945, provocou a morte de milhares de pessoas, mas salvou Manabu Ashihara, hoje com 77 anos. O acontecimento, que precipitou o fim da Segunda Guerra Mundial, obrigou o jovem de 16 anos a cancelar um compromisso marcado para o dia 21 daquele mês: morrer.

Naquele dia, ele usaria um barco carregado de explosivos para se chocar com um navio norte-americano.

Foi a segunda das cinco vezes em que ele escapou da morte. Um ano após se alistar, aos 15, ele caiu no mar com o avião em que treinava. O instrutor morreu, mas Ashihara se salvou. A Corte Marcial o proibiu de pilotar aviões, mas permitiu que ele cumprisse, de barco, sua missão de kamikaze.

Quando a bomba atômica caiu, ele estava na casa dos avós, na própria cidade de Nagasaki. Sua tia, única da família a saber da missão, já havia colocado seu retrato no "butsudan", altar em que os japoneses homenageiam os mortos.

Por ser militar, Ashihara foi destacado para socorrer as vítimas. "De 11 de agosto, ao meio-dia, quando ele foi chamado, até o anoitecer do dia 12, ele ficou sem comer, sem beber, só recolhendo corpos dentro do rio Urakami, que estava vermelho de sangue", diz Yussuke, o oitavo e último filho de Ashihara com sua mulher, Saeko.

"Ele conta que, quando pegava as vítimas, só vinha a pele na mão, os ossos ficavam. Quando minhas irmãs faziam churrasco, ele não comia."

Sorte

Por ter sobrevivido à bomba, Ashihara está em Nagasaki há um mês fazendo os exames médicos anuais pagos pelo governo japonês. Como não teve seqüela da radiação, é também objeto de estudos científicos.

Ele não pôde falar à **Folha** porque sua família não tem seu telefone no Japão: "Ele só liga quando vai voltar: 'vão tal número tal'", diz Yussuke. "Minha mãe gosta que ele fique bastante tempo lá", brinca. Saeko confirma com uma gargalhada: "Sossego, né?"

Enquanto os cientistas não tiram conclusões, Yussuke tem uma hipótese para o fato de o pai ter se salvado tantas vezes: "Acho que ele tem saúde de ferro", diz, com expressão séria.

Não é só ele que pensa assim. Em 1967, em Atibaia, um mês após chegar ao Brasil, Ashihara caiu de trator de uma ponte de cinco metros de altura. "As pessoas passavam a mão nele para pegar um pouco de sorte."

Foi a mesma sorte que o salvou de uma cirurgia para retirar um coágulo no cérebro após um acidente de carro em 2001.

Brasil

Ashihara vive hoje com a família em um sítio em Embu (Grande São Paulo), onde cultiva bonsais. Gosta de pescar, tocar violão e contar suas histórias. "55 anos de casado, tudo fala, né?", comenta Saeko.

Os dois se casaram em 1950 e, em 1967, vieram para o Brasil. "A Rússia ameaçava provocar uma terceira guerra", diz Yussuke. "Meu pai queria segurança para a família."

No Brasil, encontraram pessoas que acreditavam na vitória do Japão na guerra. "Morreram acreditando", diz Saeko. Se os contrariavam, o casal era chamado de "malcriado".

Mas Ashihara não vê como desonra a derrota. Pelo contrário, segundo Yussuke, acha que o país deveria ter se rendido antes, quando caiu a primeira bomba atômica, em Hiroshima.

Questionado se compreende por que seu pai ofereceu a vida, Yussuke responde entre sério e brincando: "Nessa época, os jovens do Japão eram meio doídos. Para lutar pelo país, não mediam conseqüências".

CRONOLOGIA DOS KAMIKAZES



1274 >> Navios mongóis, comandados por Genghis Khan (foto), tentam invadir o Japão, mas são repelidos por fortes ventos, que os japoneses chamam de kamikazes (kami=deus, kaze=vento). O mesmo ocorre em 1281

1939 >> Início da Segunda Guerra Mundial. O Japão já estava em guerra contra a China desde 1937



7.dez.1941 >> O Japão ataca a base militar norte-americana em Pearl Harbor, no oceano Pacífico. Os EUA entram na guerra



21.out.1944 >> Entre esta data e 15 de agosto de 1945, 647 divisões militares "kamikazes" são formadas



25.out.1944 >> Perdendo a guerra, o Japão realiza o primeiro ataque kamikaze. Os alvos eram, em geral, porta-aviões (na foto, bombeiros apagam incêndio em navio dos EUA após ataque kamikaze em out.1944)

6.ago.1945 >> Os EUA lançam uma bomba atômica em Hiroshima e, três dias depois, em Nagasaki



15.ago.1945 >> Os japoneses ouvem pelo rádio a rendição do imperador Hirohito (na foto, prisioneiros japoneses na ilha de Guam, no momento da rendição)



Suindara adestrada por falcoeiro na Granja Viana, em São Paulo

Paulistanos reencenam caça com falcões

Aves de rapina viram animais de estimação e seus donos simulam em São Paulo rituais de caça disseminados na Idade Média

Proprietários querem que governo regulamente a atividade; criação em cativeiro é permitida, mas a caça é proibida por lei

PAULO DE ARAUJO SALVATORE CARROZZO
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Ainda de madrugada, falcões encapuzados e um cachorro-braco alemão são transporta-

dos para um descampado plano povoado de aves para perseguição. Os donos carregam uma parafernália de falcoaria —caçada com aves de rapina— e condicionam os falcões a sobreviver a área enquanto o cachorro reconhece o terreno.

A cena parece tirada do imaginário da Idade Média, mas acontece pelo menos duas vezes por mês em cidades como Araçoiaba da Serra e Americana, no interior de São Paulo. O que se pratica é uma simulação, já que a caça esportiva é proibida no Brasil. Os falcões são adestrados para praticar vôos livres e voltar para o punho do dono, ao som do apito ou do grito, enquanto o cachorro corre pelo terreno e fareja presas potenciais. O programa dura toda a manhã, antes que o sol fique forte e cansos os animais.

Yuri Grecco, André Bizutti e Alexandre Olio são alguns dos poucos adeptos

da falcoaria no país. Conhecida há pelo menos 3.000 anos e bem disseminada na Europa medieval, a falcoaria soa mais remota no Brasil, onde não há tradição no assunto e a referência científica é pouca.

Aqui, a história começou com os filmes que romaneavam a Europa medieval. As cenas de águias usadas como armas de caça chamaram a atenção de Guilherme Queiroz, 35, um dos precursores da falcoaria no Brasil e hoje presidente da Associação Brasileira de Falcoeiros e Preservação de Aves de Rapina (ABFPAR).

Isso era por volta de 1982. Queiroz via os filmes e pedia informações sobre falcoaria junto a embaixadas de países como a Inglaterra e os Emirados Árabes. Mandava cartas e, às vezes, demorava três meses até ter uma resposta.

Hoje, além da ABFPAR, existem duas outras associações de falcoeiros no Brasil: a Associação Paulista de Falcoaria (APF) e a Associação Mineira de Falcoaria (AMF). No orkut, a comunidade Falcoaria Brasil tem 747 membros e dezenas de tópicos de discussão, mas os adeptos “sérios” da prática se “contam nos dedos”, diz o engenheiro André Bizutti, 31, presidente da APF.

A falcoaria demanda tempo, especialmente no trato das aves, mas também envolve tarefas à parte. Grecco, por exemplo, mantém uma cultura paralela de camundongos para alimentar seus dois animais e gasta cerca de uma hora e 30 minutos por dia na lida da falcoaria. Alguns equipamentos, como as correias e o capuz para as aves, são confeccionados pelo próprio falcoeiro.

O treino das aves de rapina até que possam voar livremente

te leva entre 25 e 30 dias. O primeiro passo é o amansamento, em que a ave passa a se acostumar com a presença do falcoeiro. Em seguida, vem uma série de exercícios de vôo para o punho ou partindo de árvores.

A última etapa é no campo aberto, com uma isca artificial (lure) que mimetiza as presas do rapinante e é girada no ar pelo falcoeiro. Em dois meses, o animal está pronto para praticar falcoaria. Durante o adestramento, a ave de rapina é submetida a uma dieta para que alcance o peso certo para voar.

Falcoaria moderna

As técnicas da falcoaria moderna podem ser empregadas no controle de pragas e na reabilitação das aves de rapina.

De acordo com Thomas Romig, gerente de segurança da Conselho Internacional de Aeroportos (ACI), em alguns casos a falcoaria é empregada como uma solução de segurança nos aeroportos. Por serem predadores de outras aves, falcões e gaviões podem ser treinados para afugentar pássaros que oferecem risco de colisão com aeronaves.

Conforme manual do ACI sobre prevenção de acidentes envolvendo aves em regiões aeroportuárias, porém, o método “é complicado e custoso”, além de trazer um possível efeito contrário e aumentar o risco de colisões com os pássaros.

Apesar da advertência, o belga Patrick Morel, que acaba de deixar a presidência da Associação Internacional de Falcoaria (IAF), diz que há falcoeiros trabalhando em aeroportos de pelo menos dez países europeus. “Temos experiências bem-sucedidas, na Espanha especialmente, em que houve redução drástica de incidentes entre aves e aeronaves.”

No Brasil, em 2005, o Cenipa (Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos) registrou 480 colisões contra 441 no ano anterior.

Ainda sem regulamentação no Brasil, a falcoaria é praticada apenas como hobby e não há projetos para que seja empregada em aeroportos.

Ibama discute regulamentação da falcoaria

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Falcoeiros e órgãos de preservação ambiental travam uma batalha de argumentos sobre a legalidade ou não da falcoaria. Está em debate no Ibama uma instrução normativa que regulamenta a prática para controle de fauna e reabilitação de aves de rapina, mas há divergências dentro do próprio órgão.

Segundo Marcelo Almeida, analista ambiental do Ibama em Brasília, a intenção é que os falcoeiros sejam divididos em categorias —aprendiz, júnior, sênior e mestre—, e o Ibama componha uma mesa para discutir acordos de cooperação. “Podemos trabalhar no combate à infestação de pombos em galpões de grãos ou praças públicas e usar as aves de rapina nas regiões aeroportuárias”, diz Almeida.

A seção do Ibama em São Paulo, porém, coloca dúvidas sobre a eficiência da falcoaria como controle de pragas e considera uma “falácia” o emprego da prática em aeroportos.

O órgão diz que, em 2005, 436 aves de rapina foram apreendidas ou encontradas machucadas.

O falcoeiro Yuri Grecco pede uma chance para colocar a experiência em prática no Brasil. “Está provado que a falcoaria dá certo como controle de fauna. Queremos uma tentativa”, afirma.

A caça, a captura, o comércio ou a manutenção em cativeiro de aves de rapina sem autorização são crime —a pena pode ser de seis meses a um ano de detenção. (PA e SC)



Falcão treinado em simulação de caça em Americana

João Wainer/Folha Imagem

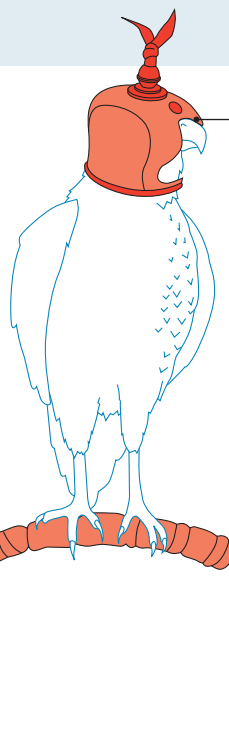
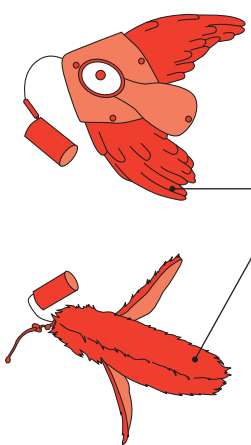
» NA INTERNET
Veja mais informações sobre falcoaria, vídeos de caças simuladas e a história da prática no mundo
www.folha.com.br/063406

EQUIPAMENTOS DE FALCOARIA

Alguns materiais, como o capuz, são confeccionados pelo falcoeiro

Isca (lure)

Objeto que se assemelha à presa da ave de rapina. Serve para condicionar a ave durante treinamento de vôo. Pode ser de dois tipos: **aérea**, que mimetiza aves, e **de chão**, que mimetiza presas rasteiras, como roedores



Capuz

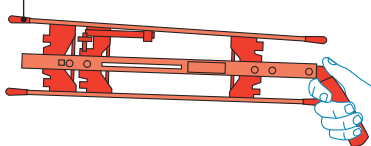
Colocado sobre a cabeça, cobre os olhos da ave de rapina, tornando-a mais dócil

Poleiro em arco

Serve para acomodar a ave de rapina. Acompanha um feltro para servir de apoio em caso de queda

Telemetria

Com um transmissor implantado na ave de rapina e um receptor em mãos, o falcoeiro pode localizar suas aves a uma distância de até 10km

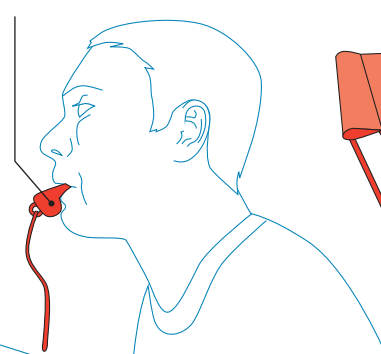


Luva

Protege o falcoeiro das garras afiadas das aves de rapina e mantém o animal atrelado ao punho por uma correia presa à pata

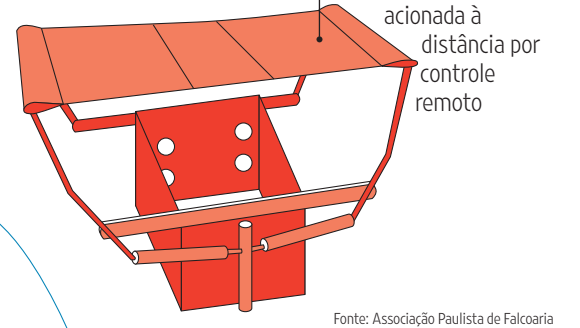
Apito

Proporciona a comunicação entre o falcoeiro e a ave



Bird Launcher

Espécie de catapulta, arremessa ao ar pássaros que servirão como presas para as aves de rapina. Pode ser acionada à distância por controle remoto



Fonte: Associação Paulista de Falcoaria

NY tem cesto na esquina; Londres retirou as latas

DA EQUIPE DE TREINAMENTO DE NOVA YORK DE LONDRES

O método de distribuição das lixeiras por Manhattan, em Nova York (EUA), segue um padrão simples: todas as encruzilhadas das regiões de mais circulação de pedestres possuem cestos de lixo — não há equipamento no meio das quadras.

O lado negativo é que o pedestre precisa caminhar até 100 m para encontrar um local para depositar o resíduo.

A prefeitura nova-iorquina possui um grupo de fiscais que faz inspeções permanentes nas ruas e emite relatórios mensais sobre limpeza. O trabalho da equipe define as estratégias adotadas para a conservação dos espaços públicos.

Situação bem diferente ocorre em Londres, onde as lixeiras foram removidas das ruas por medida de segurança contra ataques terroristas.

Os equipamentos passaram a ser colocados apenas em um limitado número de jardins e espaços abertos, segundo o City of London, órgão do governo local. Ainda assim, os cestos são à prova de explosivos.

Mesmo sem contar com lixeiras, a capital recebeu, pela segunda vez consecutiva, o título de cidade mais limpa do Reino Unido, no ano passado. Para manter a limpeza, as ruas de Londres são varridas de duas a seis vezes, em dias de semana. À noite, caminhões fazem a limpeza mecanicamente.

Limpeza estimula limpeza

Colocar lixeiras na rua não é garantia de que os pedestres vão jogar seus resíduos nelas. A afirmação é da urbanista Cláudia Ruberg, doutora em gestão de resíduos sólidos. Além do trabalho de conscientização do cidadão, é preciso manter o ambiente limpo para evitar que a degradação se agrave.

Ruberg cita o metrô de São Paulo como exemplo de um local que é mantido de maneira eficiente e que estimula o usuário a conservá-lo. “Limpeza estimula a limpeza. Se o pedestre vê um ambiente que já está sujo, não é estimulado a procurar uma lixeira; joga ali mesmo.”

Essa colaboração do pedestre, para a arquiteta, reduziria não só o impacto ambiental como também os gastos governamentais com varrição.

“Se você joga uma coisa fora, alguém vai ter que tirar aquilo dali. E isso vai demandar um esforço, alguém vai ter que varrer.” Com menos lixo espalhado, as equipes que trabalham com a varrição poderiam ser remanejadas para outras áreas da conservação urbana.

A recém-aprovada lei de combate à poluição visual em São Paulo pode favorecer o aumento da distribuição de lixeiras pela cidade.

Com a nova norma, a publicidade deve ficar restrita apenas ao mobiliário urbano, o que inclui papeleiras, pontos de ônibus e bancos de praça.

A prefeitura estuda empregar a receita gerada pela propaganda em projetos para eliminar outros aspectos da poluição visual, como, por exemplo, em ações como o enterramento de fios e cabos.

(VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO, MARCO AURELIO CANÔNICO, DA eFB)

Fotos Juliana Laurino, Ricardo Nogueira e Marcelo Ximenes/Folha Imagem

RETRATOS



Modelos oficial e particular (centro)



Lixeira de concreto em esquina da rua Bahia



Irregular usada para publicidade (centro)



Fila de lixeiras na avenida Pacaembu



Balde improvisado em prédio de Higienópolis



No Conjunto Nacional (acima); lixo no centro (à dir.)



No Conjunto Nacional (acima); lixo no centro (à dir.)



De metal, em ponto de ônibus da República



Depredação em suporte irregular



Na Oscar Freire, nova lixeira, que custa R\$ 480

Má distribuição de lixeiras afeta as principais vias de SP

Faltam pelo menos 100 mil lixeiras nos locais mais movimentados; há ruas cheias de cestos ao lado de outras sem nenhuma lata de lixo

Reportagem da Folha percorreu 36 km para quantificar as papeleiras; problema afeta de regiões nobres a populares

DANIELA ARRAIS
FELIPE BÄCHTOLD
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Faltam pelo menos 100 mil lixeiras nas áreas de maior circulação de pedestres de São Paulo. As 40 mil existentes estão mal distribuídas, e estima-se que um quinto delas sejam depredadas no próximo ano.

Em algumas ruas da cidade, como a Joaquim Floriano (zona sul), pedestres têm que andar até 733 m para se desfazer do lixo. Na São Caetano (centro), eles nem têm a opção — nos cerca de 1.100 m de extensão de via não há lixeiras.

Das 17 vias e avenidas comerciais apontadas pela Fecomércio-SP como as principais, pelo menos 10 sofrem com falta de lixeiras. O problema afeta desde os quarteirões de lojas de luxo dos Jardins até centros de comércio popular, como o largo 13 de Maio (zona sul), por onde circula 1 milhão de pessoas/dia.

A reportagem da **Folha** percorreu 36 km em ruas de grande circulação de pedestres no centro e nas zonas norte, sul e oeste, para quantificar as lixeiras da cidade, no período entre 16 e 30 de novembro.

Nesse percurso, foram encontradas 493. Seguindo os conselhos de especialistas, seriam necessárias 1.200. O resultado é uma amostra do que acontece nas áreas mais frequentadas por pedestres na cidade.

Em 2002, a prefeitura estimou que seria necessário comprar 140 mil papeleiras — nome técnico do equipamento. Foi aberta licitação, mas a empresa responsável “não teve fôlego” para cumprir as metas, segundo Giuseppe Pagano, diretor do Limpurb (Departamento de Limpeza Urbana).

Para fazer a instalação, a prefeitura se baseia na observação dos técnicos. Quanto maior o fluxo de pessoas em determinado local, maior deve ser a quantidade de lixeiras, embora não haja uma regra para a distância máxima entre elas.

A regulamentação fala apenas na distância mínima: em ruas comerciais, pontos de ônibus, escolas e praças, elas não podem estar a menos de 25 m uma da outra. Para os demais lugares, o estipulado é 50 m.

Já estudiosos do assunto recomendam que, em locais movimentados, haja uma lixeira a cada 50 m de calçada.

Mas nem a regra oficial nem o padrão recomendado são seguidos nas áreas visitadas pela reportagem da **Folha**.

Nos Jardins, ruas com equipamento em todas as quadras, como a Santos e a Augusta, são rodeadas de vizinhas sem lixeiras (veja mapa abaixo).

A rua 25 de Março, pólo comercial da cidade, tem uma lixeira a cada 81 m, quantidade que não dá conta do lixo produzido pelos 400 mil pedestres diários. Em uma tentativa de compensar a falta de lixeiras, a equipe de varrição limpa a rua até dez vezes por dia.

Na Santa Ifigênia (centro), que concentra lojas de produtos elétricos e informática, não há lixeiras em 115 m de seus 750 m. Papéis, plásticos, restos de comida e panfletos se espalham pela rua.

Com problemas frequentes de alagamento, a rua Direita, também no centro, tem uma única unidade em 300 m. “A gente demora quarteirões para achar lixeira. Se a gente não vê, joga o lixo no chão”, diz a vendedora Mônica Barros, 25.

Aproveitando a lacuna, empresas instalam por conta própria o equipamento, sem permissão da prefeitura, para explorar publicidade. Por serem irregulares, alguns acabam arancados pela prefeitura.

Outras procuram resolver o problema em parceria com o poder público. Na rua João Cachoeira, no Itaim-Bibi, a associação de lojas local comprou 64 lixeiras, fixadas em 500 metros dos 1.700 metros da via.

“Uma rua não pode ter lixo, senão não atrai o consumidor”, diz o presidente do Conselho de Ruas Comerciais da Fecomércio, Felipe Nauffel.

Pela manutenção, que inclui o trabalho de três garis, cada lo-

jista desembolsa R\$ 80 por mês. Nos outros 1.200 metros da rua, não é possível encontrar uma única lixeira.

Depredação

Além de suprir a carência, a prefeitura precisa repor as lixeiras destruídas, cerca de 20% por ano, segundo estimativas oficiais. Na praça Silvio Romero, no Brás, a Subprefeitura da Mooca teve que reinstalar três vezes as 17 unidades do local, desde o ano passado.

Há casos tão críticos e recorrentes que a opção é aumentar a varrição, diz o coordenador de projetos e obras da subprefeitura, Francisco Ricardo.

Para Gilson Lameira, arquiteto e ex-diretor do Limpurb, o sistema de instalação, manutenção e higienização de lixeiras é difícil de operar. “A vida útil [da papeleira] é muito curta, o índice de depredação é muito alto. Não adianta encher [a rua] de lixeira, depois ter apenas um terço delas e, então, levar mais três anos para fazer uma nova compra.”

Outra fonte de problema são os contratos com as empresas de limpeza. No caso da compra frustrada na gestão Marta Suplicy (PT), em 2002, que levou ao atual déficit de 100 mil latas de lixo, houve vários entraves.

Em primeiro lugar, o número de 140 mil foi estabelecido sem que se soubesse quantas unidades havia nem qual seria a demanda, segundo o então responsável pela compra.

Oito meses depois, o edital foi suspenso pelo Tribunal de Contas do Município. Segundo a prefeitura, a empresa vencedora, Ecopav Construção e Pavimentação, não tinha capital nem mão-de-obra suficientes.

Já a empresa diz que a presença de camelôs impedia a instalação dos equipamentos e que não recebeu da prefeitura o mapa das tubulações, o que dificultava o serviço, entre outros entraves burocráticos.

Foi a última tentativa de implantar um sistema de manutenção permanente de papeleiras. Atualmente não há uma rotina na prefeitura de compra anual ou um serviço de substituição das danificadas.

Em 2006, depois de três anos sem novas lixeiras, a cidade fez uma compra emergencial de 35 mil para as 31 subprefeituras. Na Sé, das 5.000 encaminhadas, 2.600 foram instaladas até o início de dezembro.

CIDADE SEM LIXEIRAS

140 mil instaladas pela cidade era a meta da Prefeitura de São Paulo em licitação feita em 2002. Apenas 8.000 foram fixadas

35 mil foram compradas emergencialmente pelo Limpurb em 2006 e distribuídas às 31 subprefeituras

20% das lixeiras instaladas em São Paulo são depredadas a cada ano, segundo prefeitura

80 mil é a quantidade de lixeiras que o Rio de Janeiro tem a mais que São Paulo, segundo dados das duas prefeituras

» NA INTERNET
Veja galeria de fotos, entrevistas e curiosidades sobre a situação das lixeiras nas cidades

www.folha.com.br/
063407

LUXO X LIXO

O quadrilátero de luxo de São Paulo, nos Jardins, concentra lojas de grife e condomínios de alto padrão. Mas apenas duas ruas possuem lixeiras em todas as quadras

80% das lixeiras estão fixadas na rua Augusta e na alameda Santos

O é o número de lixeiras na Oscar Freire, que está em reforma. A partir de 10/12 a rua terá 20 lixeiras — cada uma ao custo de R\$ 480

R\$ 50 é o custo de uma lixeira, de acordo com o Limpurb



Fonte: Reportagem realizada de 16 a 30 de novembro

DISTRIBUIÇÃO DE LIXEIRAS

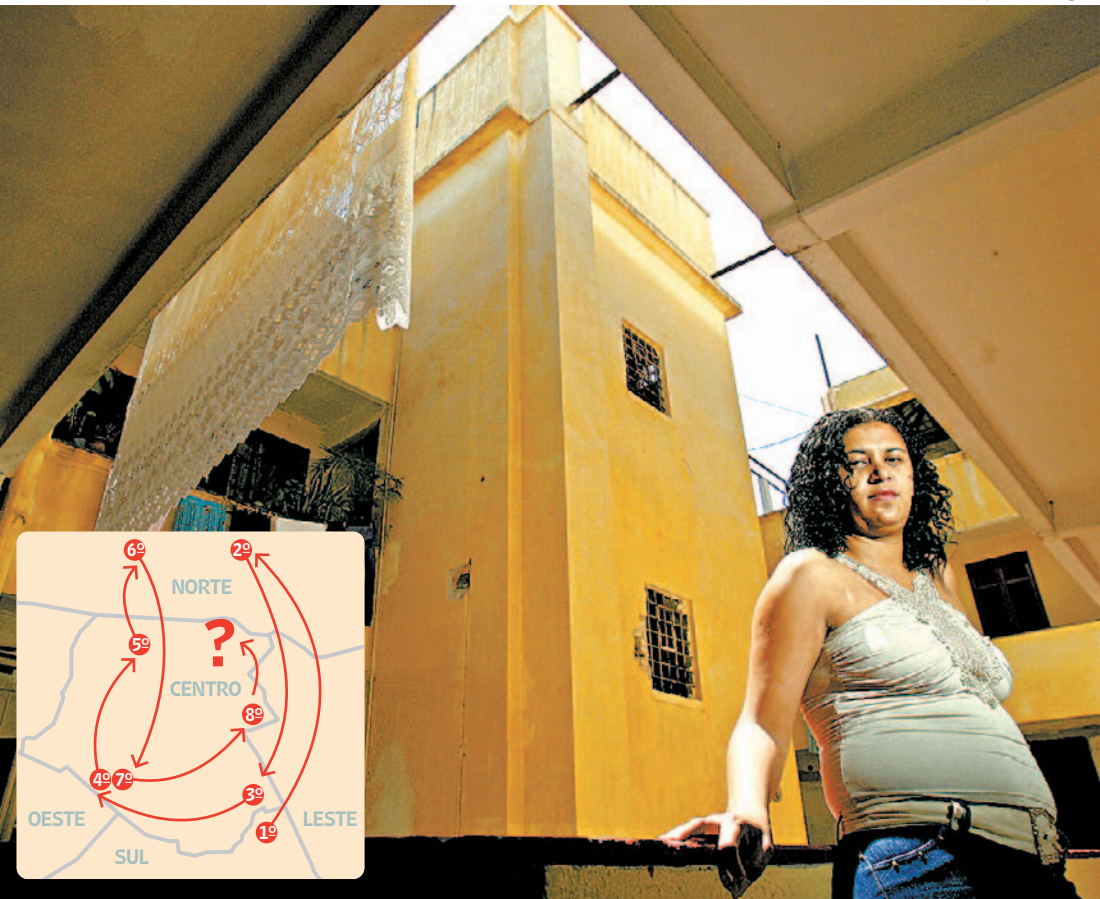
Número de lixeiras é desigual nas 17 principais ruas de comércio de São Paulo

Rua/avenida	Extensão em metros	Número de oficiais	Número de irregulares	Metros entre lixeiras*
Domingos de Moraes	3.100	36	9	172
João Cachoeira	1.700	64	0	53
Joaquim Floriano	1.100	3	0	733
Tabapuã	1.700	0	0	0
Duque de Caxias	950	29	0	65
25 de Março	1.300	32	13	81
Santa Ifigênia	750	30	6	50
José Paulino	850	13	5	130
São Caetano	1.100	0	0	0
Direita	300	1	0	300
Oriente	800	38	19	42
12 de Outubro	700	32	1	43
Teodoro Sampaio	2.900	122	0	47
Oscar Freire	1.030	0	0	0
Augusta	1.115	48	0	46
Milton da Rocha	500	15	1	66
Benedito Andrade	600	30	2	40

■ Sul ■ Centro ■ Oeste ■ Norte

* Média contabiliza apenas lixeiras da prefeitura. Fonte das ruas: Fecomércio-SP

Renato Stockler - 2.dez.2006/Folha Imagem



» **VIZINHANÇA HISTÓRICA**
Ivanete de Araújo no corredor do prédio em que mora no Brás; o local abriga outras pessoas que recebem o benefício e fica próximo ao edifício São Vito, que pressionou votação do programa

Julia Moraes - 25.nov.2006/Folha Imagem



» **SEM CASA COM A CAUSA GANHA**
A diarista Merabi Pereira de Santana na rua do abrigo provisório onde mora, no Canindé; mesmo com a garantia judicial, ela não consegue alugar um apartamento utilizando o Bolsa Aluguel

Bruno Miranda - 27.nov.2006



» **VILA DOS IDOSOS**
A aposentada Jandira Ferreira da Silva na sala de sua quitinete, na av. Ipiranga, centro de São Paulo; com o fim da bolsa, ela tem esperança de ser encaminhada para uma vila de idosos

Fim de programa habitacional força vai-e-vem por SP

Prefeitura diz que não vai renovar Bolsa Aluguel por mais 30 meses; famílias temem peregrinação à procura de casa

Moradora chega a se mudar uma vez a cada um ano e meio; proprietário reclama de atrasos e de não receber bolsas de dezembro de 2004

BÁRBARA CASTRO ESTEVÃO BERTONI
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Os 30 meses do Bolsa Aluguel estão no fim. Com a decisão da Prefeitura de São Paulo de abandonar o programa assim que a última bolsa vencer, no primeiro semestre de 2007, as 1.387 famílias beneficiadas hoje temem retomar uma antiga rotina: perambular pela cidade atrás de um novo teto.

Das 12 pessoas atendidas pelo programa ouvidas pela **Folha**, todas disseram não ter condições de pagar aluguel. Sem local onde morar, vão engrossar os índices do déficit habitacional da cidade, hoje de 509 mil casas, segundo a Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo).

Em outubro deste ano, com o fim dos 30 meses de bolsa, Ivanete de Araújo pensou que voltaria a morar na rua. Desempregada, divorciada e mãe de três filhos, ela só permaneceu sob o mesmo teto graças à decisão da prefeitura de estender o programa por mais 120 dias.

Esses quase três anos foram os primeiros em que a ex-bóia-fria conseguiu morar em São Paulo sem dividir o mesmo espaço com outras pessoas, desde que chegou à cidade, em 1989.

Já viveu como agregada no subsolo de uma oficina mecânica, passou por quatro cortiços (um na Vila Guarani e três na Aclimação) e decidiu se juntar ao movimento dos sem-teto quando se viu com os filhos de baixo do viaduto Glicério. "Eu não agüentava mais morar na rua. Ali, se você não for esperto, não sobrevive", diz.

Habitou também dois prédios que foram reapropriados e, depois de ser despejada com outros sem-teto de um edifício na rua Ana Cintra, chegou a passar um tempo em uma garagem emprestada. Foi de lá que ela saiu para morar no Brás, em um apartamento pago com os recursos do Bolsa Aluguel.

Em fevereiro, quando vence o prazo do programa, Ivanete deverá se mudar pela 11ª vez em 18 anos. Sua esperança é ganhar na Justiça o direito de morar novamente no prédio da Ana Cintra, reformado pela CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo).

"Nem que eu tenha que catar latinha para chegar à renda que eles pedem", diz. Mas ganhar na Justiça pode não significar a conquista de um teto. Desde janeiro deste ano, a diarista Merabi Pereira

de Santana carrega na bolsa a garantia judicial que obriga a prefeitura a lhe pagar, mensalmente, o benefício.

Em outubro de 2004, ela assinou o contrato para receber a ajuda. Em janeiro de 2005, alugou um apartamento, mas quando tentou usar a bolsa, a Cohab se recusou a cumprir o acordo. Resultado: endividou-se com o proprietário.

Depois de entrar com uma ação na Justiça, Merabi teve o direito à bolsa garantido, mas não conseguiu alugar um apartamento, pois a prefeitura parou de oferecer garantias de fiador às imobiliárias, como três meses de aluguel adiantado.

Passados mais de dois anos, Merabi, já em sua 5ª casa, vive hoje em uma moradia provisória no Canindé. "Eles [prefeitura] dizem que vão te dar uma cama no albergue, comida de albergue, e de preferência lá na periferia; e você vai ficar escondida, porque, para eles, você

não tem condições de ser um cidadão, de ter autonomia", diz.

Para o secretário municipal de Habitação, Orlando de Almeida Filho, as moradias provisórias seriam uma opção viável para quem vai deixar de receber a bolsa e não tem condições de pagar um aluguel (leia entrevista na página ao lado), como no caso da aposentada Jandira Ferreira da Silva, 73.

Sustentada por dois salários mínimos, ela mora em uma quitinete na av. Ipiranga, no bairro da República. Como o valor da bolsa é menor do que o do aluguel, Jandira tira do próprio bolso o que falta e paga R\$ 50 de condomínio, que considera caro.

Sem filhos ou parentes que possam ajudá-la, não faz idéia para onde possa ir. "Com minha aposentadoria, ou eu como ou eu pago aluguel. Estou procurando lugar para trabalhar, mas, com 73 anos, ninguém me aceita", diz.

Com o fim próximo da bolsa (vence em março de 2007), a auxiliar de serviços Darci de Oliveira considera o trabalho extra a única saída para conseguir saldar os aluguéis. Para pagar as contas e sustentar o filho estudante, de 18 anos, e o pai, aposentado e deficiente visual, de 92 anos, Darci vende cosméticos fora do expediente.

"Estou até procurando um trabalho noturno, no período entre 18h e 1h, não me importo de trabalhar, o importante para mim é poder garantir as despesas básicas", diz.

São Vito foi o 1º a ter ajuda do Bolsa Aluguel

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Implantado em 2004, no último ano da gestão da prefeita Marta Suplicy (PT), o Bolsa Aluguel concedia até R\$ 300 por mês a famílias que moravam em áreas com risco de desabamento e tinham renda de até dez salários mínimos.

A intenção era regularizar a situação de quase 2.600 famílias (apenas 1.500 assinaram o contrato) nos 30 meses do programa —que poderiam ser renovados. A prefeitura se comprometia a ser fiadora de um imóvel e o valor seria depositado diretamente para o proprietário.

As primeiras 460 bolsas atenderam aos moradores do edifício São Vito, no centro de São Paulo, após promessa de reforma pela prefeitura. Chamado de "treme-treme", o prédio tem 624 apartamentos e 27 andares.

A reforma nunca aconteceu. A Cohab disse ter informado aos ex-moradores —no início do ano— que eles não voltariam ao edifício e que 80% dessas famílias foram encaminhadas para a Carta de Crédito da CDHU.

Os recursos utilizados no programa de Bolsa Aluguel partem do Fundo Municipal de Habitação. (BC e EB)

Bolsas atrasadas

As reclamações sobre o Bolsa Aluguel não partem apenas de quem está prestes a perder o benefício. Proprietário de um edifício na alameda Barão de Piracicaba, no centro de São Paulo, José Mário Guilherme diz que a Cohab não pagou os aluguéis de dezembro de 2004.

"A prefeitura não pagou dezembro e descontou o valor da bolsa-calção, que é a fiança", diz. Outra reclamação diz respeito às últimas parcelas que venceram. Com 35 inquilinos recebendo a bolsa, José Mário diz que a Cohab só pagou, no último mês, 31 aluguéis, e com atraso. "O aluguel vence no dia dois de novembro e o pagamento só caiu no dia 29", conta.

Procurada pela **Folha** entre os dias 5 e 7 de dezembro, a Cohab não respondeu sobre as queixas dos beneficiários.

» **NA INTERNET**
Veja íntegra das entrevistas e galeria de fotos do filme "À Margem do Concreto", de Evaldo Mocarzel

www.folha.com.br/063404

PROGRAMAS HABITACIONAIS EM ANDAMENTO

	PROGRAMA	O QUE É?	ABRANGÊNCIA	QUANTO FOI GASTO
Municipal	Programa de Urbanização de Favelas	Urbanização de favelas e construção de moradias	27 obras em andamento; promete atender a 37 mil famílias	R\$ 345 milhões; previsão de R\$ 547 milhões para 2007
	Construção de moradias por mutirões	Construção de moradias pelos futuros moradores	A prefeitura não informou	R\$ 7 milhões liberados; previsão de R\$ 20 milhões para 2007
	Moradia na área central	Recuperação de cortiços na região central	A prefeitura não informou	A prefeitura não informou
Estadual	Pró-Lar Mutirão Associativo	Construção de moradias pelos futuros moradores	1.792 apartamentos entregues e 6.312 unidades em produção	Investimento de R\$ 61 milhões; orçamento de R\$ 216 milhões para obras em andamento
	Pró-Lar Atuação em Cortiços	Reforma de cortiços, construção de moradia ou concessão de cartas de crédito para moradores da região central	133 unidades entregues e 935 unidades em produção	Investimento de R\$ 5 milhões; recurso de R\$ 35 milhões para obras em andamento
	Pró-Lar Atuação em Favelas e Áreas de Risco	Atendimento a famílias em áreas sem infra-estrutura, de risco ou desabrigadas em consequência de calamidades	774 unidades entregues e 7.263 unidades em construção	Investimento de R\$ 28 milhões; orçamento de R\$ 433 milhões para obras em andamento
Federal	Carta de Crédito (CDHU)	Linhas de crédito; valor depende da faixa de renda da família	37 foram emitidas; pretende atender a 1.827 famílias	Investimento previsto de R\$ 54 milhões
	Programa de Arrendamento Residencial (PAR)	Após 15 anos de prestações, o morador torna-se dono do imóvel	6.218 famílias atendidas	R\$ 225 milhões
	Habitação de Interesse Social	Construção de moradias	977 famílias atendidas	R\$ 11 milhões
	Programa de Subsídio à Habitação	Subsídio para famílias com renda de até três salários mínimos	7.829 famílias atendidas	R\$ 88 milhões
	Urbanização, Regularização e Integração de Assentamentos Precários	Urbanização de favelas ou de assentamentos precários	41.911 famílias atendidas	R\$ 170 milhões
Carta de Crédito (Caixa Econômica Federal)	Linhas de crédito; valor depende da faixa de renda da família	1.272 famílias atendidas	R\$ 57 milhões	

gestão atual

Almeida Filho diz que tempo foi suficiente

Orlando de Almeida Filho, secretário de Habitação da Prefeitura de São Paulo, diz que Bolsa Aluguel está fora do foco da nova gestão.



FOLHA - Vai existir renovação do Bolsa Aluguel?

ORLANDO ALMEIDA FILHO - Não vamos renovar. Foi tempo suficiente. Mas temos agora o Aluguel Social: R\$ 300 mensais durante seis meses para pessoas que morem em áreas de risco que vão ser reformadas pela prefeitura. A administração atual tem outro foco, que é urbanizar favelas e usar os recursos da parceria com governo do Estado e Caixa Econômica Federal para a construção de novos empreendimentos, inclusive em favelas.

FOLHA - Elas foram encaminhadas para outros programas?

ALMEIDA FILHO - Sim, quando elas vêm receber o benefício a gente diz: 'Olha, vai procurando um imóvel porque uma hora acaba o programa'.

FOLHA - E se a pessoa trabalhar no centro e não puder pagar aluguel ou condução?

ALMEIDA FILHO - Tem que ter um subsídio muito grande para manter moradias no centro: as pessoas de baixa renda não vão conseguir pagar as prestações.

FOLHA - Entrevistei uma senhora que recebe dois salários mínimos, não tem filhos, parentes ou como pagar aluguel.

ALMEIDA FILHO - Se ela provar que não tem como pagar aluguel, vamos encaminhá-la para a assistência social, que irá encaminhá-la para uma moradia adequada.

FOLHA - Um albergue, no caso?

ALMEIDA FILHO - Ele tem sido desqualificado, é comunitário, mas as pessoas moram lá. Só não é possível darmos uma casa para cada pessoa.

gestão PT

Ex-secretário defende a renovação

Para o vereador Paulo Teixeira (PT), ex-secretário de Habitação do governo Marta, o fim da bolsa pode aumentar a população de rua.



FOLHA - O Bolsa Aluguel se resume a dar R\$ 300 por 30 meses?

TEIXEIRA - Não, era prevista a construção de moradia no Bresser e no Belém e a reforma do São Vito nesse tempo.

FOLHA - Mas a bolsa não diminuía a dependência das pessoas.

TEIXEIRA - É a prefeitura que está inadimplente com essas pessoas. Ela deixou de criar condições para a autonomia.

FOLHA - Se a bolsa não cumpriu seu objetivo, ela foi um fracasso?

TEIXEIRA - Não, o fracasso está na atual administração. Ela está abrindo mão de um bom instrumento. Essa política tem um nome: é a rua.

FOLHA - A quem as pessoas que perderão a bolsa devem recorrer?

PAULO TEIXEIRA - Ao Ministério Público ou à Defensoria Pública. Ao não renovar a bolsa, a prefeitura está indo para a ilegalidade e isso pode ser uma tragédia.

FOLHA - A atual administração diz que cumpriu os acordos.

TEIXEIRA - O problema do atual secretário é que ele não leu os acordos assinados. A bolsa tinha como objetivo resolver os problemas.

FOLHA - O sr. considera o albergue uma solução viável?

TEIXEIRA - As soluções individuais são melhores. Em casa, a pessoa tem individualidade. Tem muita gente que prefere a rua ao albergue.

FOLHA - O sr. acha que é difícil para a população de baixa renda se manter no centro?

TEIXEIRA - O pobre que vive no centro tem condições de estudar mais, tem expectativa de vida maior. Essa ideia de que é mais caro é uma visão liberal, é uma visão de mercado.

especialista

Arquiteto diz que programa não se realizou

Para João Marcos de Almeida Lopes, professor de arquitetura na escola de engenharia da USP São Carlos, alternância de governos não garante compromisso com as pessoas.



FOLHA - O foco da prefeitura é a urbanização de favelas e reformas de cortiços. O Estado está concedendo cartas de crédito. O que o sr. acha dessas políticas para o público de baixa renda?

JOÃO MARCOS DE ALMEIDA LOPES - O investimento me parece correto, mas é preciso levar em conta a indisponibilidade de terra urbanizável para construir novas unidades: não adianta ter dinheiro para a produção habitacional se a gente não tem terra.

FOLHA - O diálogo para a realiza-

ção das políticas foi facilitado com a prefeitura e o Estado dividindo o mesmo partido?

LOPES - Sim, mas política habitacional não pode se vincular a funcionalidades políticas: o que está em pauta é uma questão emergencial.

FOLHA - O sr. acha que tem algo de positivo no Bolsa Aluguel?

LOPES - Não vou dizer que é positivo, porque ele não se realizou. O programa está amarrado a perspectivas: desvinculado disso, ele vira assistencialismo.

FOLHA - O que o sr. acha de encaminhar pessoas para albergues?

LOPES - Encaminhar para assistência social é atitude "de Pilatos"; os abrigos são um equívoco. Sou contrário, inclusive, à remoção para abrigo provisório. Temos que descobrir técnicas que levem em conta a permanência do sujeito, a sucessão entre governos não garante compromisso com as pessoas. Quem garante que o povo do São Vito vai voltar para lá?



Bruno Miranda - 29.nov.2006/Folha Imagem

Sem-teto de filme obtém moradia fora das telas

Suely, retratada em documentário, comprou casa com carta de crédito

Programa não funcionou para outra beneficiária, que não conseguiu encontrar imóvel de até R\$ 40 mil dentro do prazo de 6 meses

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Uma das sem-teto retratadas no documentário de Evaldo Mocarzel, "À Margem do Concreto", que estreia este mês na cidade, Suely Lima é hoje ex-sem-teto —embora ainda milita no Fórum de Cortiços.

Na história que chega às telas (escolhida como melhor filme pelo júri popular no festival de Brasília e melhor documentário no festival do Rio, em 2005), Suely conta como foi despejada de um cortiço no Bom Retiro. Na época das filmagens, no final de 2004, ela morava irregularmente na rua Abolição, no centro de São Paulo.

Meio ano depois, Suely conseguiu uma carta de crédito da Caixa Econômica Federal. Com a renda familiar de R\$

1.200, pegou o valor máximo: R\$ 43 mil, mas não usou todo o crédito —encontrou um imóvel por R\$ 30 mil. Comprou uma quitinete de 46 m² —que divide com os dois filhos— na rua 24 de Maio, ao lado das famosas galerias de música. "É muito legal ali: tem lanchonete, pizzaria e samba na sexta-feira", diz.

Hoje, paga uma prestação de R\$ 107 mensais (R\$ 15 mil são subsidiados pelo Estado) por um prazo que pode chegar a 25 anos de financiamento.

O programa do governo federal, que deu um teto a Suely, não teve o mesmo resultado para Alessandra Souza de Lima. Beneficiária do Bolsa Aluguel, a auxiliar de limpeza pegou a carta de crédito em fevereiro deste ano, mas perdeu o direito de utilizá-la.

Alessandra não conseguiu encontrar um imóvel regularizado no valor de R\$ 40 mil no período de seis meses, que venceu em agosto. "Se a casa pudesse ser sem escritura, eu teria conseguido comprar", diz.

Renato Stockler - 2.dez.2006/Folha Imagem

» O TETO DE SUELY Sem-teto nas telas, Suely Lima vive hoje com os dois filhos em uma quitinete no centro, ao lado das tradicionais galerias de música; às sextas ela se diverte com o samba tocado na rua



André Porto - 3.dez.2006/Folha Imagem



» JANELA PARA O MERCADÃO As vizinhas Ivanete de Araújo, Liliane Cardoso Menezes e Elaine Aparecida Alves Pereira no terraço do prédio em que moram, no Brás, com Bolsa Aluguel; ao fundo, o Mercado Municipal



» PELA JANELA A auxiliar de limpeza Alessandra Souza de Lima olha pela janela o pátio do prédio em que mora no Brás (centro de SP)



Ricardo Nogueira/Folha Imagem

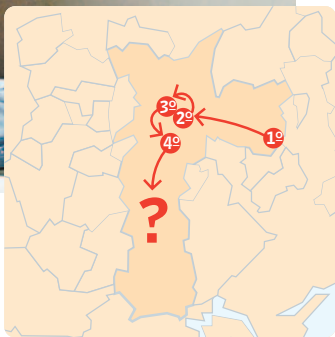


» MÃE DE MOVIMENTO A coordenadora dos sem-teto Maria Nazaré de Souza Brito com seu filho Marcelo, na sala de casa, na Bela Vista



Ricardo Nogueira/Folha Imagem

» PRIVACIDADE IMPROVISADA Joseane Maria da Silva no quarto de seu apartamento com divisórias improvisadas para rachar aluguel



Andre Porto - 2.dez.2006/Folha Imagem



» "SÃO TANTAS COISAS" Rita Antônia José, em casa alugada na Santa Cecília; enquanto espera fim de bolsa, ouve Roberta Miranda

meu nome não é esse

Apelido é que nem chiclete: gruda e quanto mais se mexe nele, pior fica. Mas para tudo tem um jeito!

SALVATORE CARROZZO DA EQUIPE DE TREINAMENTO

"Ei, Ei, você. É, é você mesmo, que está lendo esta matéria. Você parece 'mané', 'sabia'?"
Calmamente, ele explicou que a palavra 'mané' não é nenhuma novidade. Quer ver? Pergunte a seus parentes mais velhos se eles tinham apelidos chatos quando eram crianças. Pela internet, perguntamos quais são os piores apelidos, e 6.910 pessoas responderam. Quase metade disse que os piores apelidos são aqueles dados para quem tem peso acima da média, como "balão".
Mas estes não são os únicos. Para provar que quase todos têm apelido, conversamos com algumas pessoas. Confira!

Robson Nunes

O apresentador do programa Zapping Zone, do Disney Channel, era a gracinha na infância, e os amigos de futebol chamavam ele de "tartaruga ninja".



Pedro Malta

"Quando era pequeno, era muito brarquinto e tinha muitos olheiras. Minha família colocou o apelido de 'Tio Chico', da Família Actans. Aço engraçado".

Sandra Peres

"Quando tinha sete anos, passei a usar óculos. Era escolinha me apelidaram de 'quatro-olhos', conta cantora do grupo 'Palavra Cantada'".



Paulo Tatit

"No colégio, me chamavam de 'Paulo Tatu', uma brincadeira com meu sobrenome, que se pronuncia 'Tati', diz cantor do grupo 'Palavra Cantada'".



Giovane Gávio

"Eu tinha uma vengança enorme no joelho. Muitas irmãs me chamavam de 'Giovane da verruguinha'. Eu odiava', conta ex-jogador de vôlei".



Ivete Sangalo

"Sempre fui muito de botar apelido nos outros. Um belo dia ganhei um por conta do tamanho da minha boca. Fiquei danada. O apelido era 'tubarão'".



Pitty

A cantora, quando era pequena, era magrinha e usava óculos. "Por isso, meus apelidos eram os tradicionais 'quatro-olhos' e 'savaçura'", conta.



Daiane dos Santos

"Uma professora me apelidou de 'biscoito', porque adorava biscoito de chocolate. Também me chamavam de pulguinha, porque não sou alta", diz a gineasta.



Gustavo Borges

O ex-nadador era chamado de 'pirulito', porque era grande e meio desengonçado. Alguns amigos da infância ainda o chamam desta forma.



Uma maçã, mas nem tanto

Ninguém é igual a ninguém, mas às vezes parece que ninguém sabe disso. Em novembro, uma modelo que era muito bonita — e magra — morreu por achar que estava gorda. Foi parado de comer e o resultado foi bem triste. Ela achava que para ser feliz tinha que ser bem magra, mais magra que as amigas dela.

Quando olhamos ao redor, vemos que as pessoas são parecidas com as outras em alguns pontos, e em outros, não. Todas têm cabeça e umbigo, por exemplo. Mas nem todas têm cabelo e, quando têm, ele pode ser loiro, preto, lizo ou cacheado.

A psicóloga e professora da Unicamp Ângela Soligo diz que é muito importante olhar ao redor. E não só na hora de atravessar a rua. Para ela, é preciso olhar ao redor para ver como é a colega de classe, o moço do sorvete ou o peixeiro que constrói o prédio na rua. Eles são iguais? Provavelmente não.

"Não é como uma pessoa é por fora que a levará à felicidade", diz a psicóloga. Se um é diferente do outro, isso quer dizer que um deles não pode ser feliz do jeito que é? Angela acha que não. Afinal, uma "uma maçã é uma maçã, mas uma pode ser vermelha e a outra, verde". As duas, bem gostosas.

DICAS PARA LIDAR COM APELIDOS

- A situação é chata, mas pode ter solução
- Tente ignorar os apelidos chatos. Quanto mais você mostrar que está chateado, pior. Violência não é legal.
 - Se recebeu um apelido e não conseguiu ignorar, diga: "Meu nome não é esse". Se não adiantar, avise um adulto nome e quer inventar um apelido para você, pergunte a seus pais o significado do seu nome: pode ter um motivo bacana por trás dele.
 - Sugira a sua professora jogos nos quais cada um tenha um papel diferente e possa ver como pode ser ruim ter apelidos.
 - Se quiser apelidar um amigo, prefira a abreviação do nome dele, como Ju para Júlia.

➤ NA INTERNET
Mais textos, enquetes, depoimentos e dicas de livros sobre apelidos
www.folha.com.br/063403

